

O Regresso do Filho Pródigo

*Meditações
perante um quadro de Rembrandt*

O Regresso do Filho Pródigo – *Meditações perante um quadro de Rembrandt* (7ª ed.)

Henri J. M. Nouwen

Este Combate Não é Teu... (2ª ed.)

Paulette Boudet

Alegria de Crer e de Viver (2ª ed.)

François Varillon, S.J.

Ser Cristão à Luz do Vaticano II

Manuel Morujão, S.J.

Viver com Qualidade – *Virtudes humanas e cristãs* (2ª ed.)

Manuel Morujão, S.J.

Verdades para Hoje

Dário Pedroso, S.J.

Deus na Minha Vida

Carmina de Sousa Marques

O Vento Sopra Onde Quer

Luís Rocha e Melo, S.J.

Sublime Vida Comum – *Viver por dentro a vida*

Manuel Morujão, S.J.

O Céu, Onde Deus Nos Espera Para Sempre

Francisco Sousa Monteiro

Ver o Invisível

Dário Pedroso, S.J.

Diário de um Cristão

David Kaleb

Crescer como Pessoa e como Cristão

António José Coelho, S.J.

A Vida do Irmão Roger – *Fundador de Taizé*

Kathryn Spink

Um Olhar de Fé

Carmina de Sousa Marques

Caminhar Juntos na Fé

Joseph Ratzinger (Papa Bento XVI)

Nuvem de Poeira

Dário Pedroso, S.J.

Diálogos com Cristo

Dário Pedroso, S.J.

Meditações sobre a alegria

António Coelho, S.J.

Receitas de humanização

Manuel Morujão, S.J.

Geração JMJ – *25 anos das JMJ – 25 histórias pessoais*

Cristina Larraondo Erice e Ana Larraondo Erice

Caminhar à luz de um pontificado – *O grande «sim» de Deus*

Ramiro Pellitero

Henri J. M. Nouwen

O Regresso do Filho Pródigo

*Meditações
perante um quadro de Rembrandt*

7ª edição



Editorial A. O.

Título original

The return of the Prodigal Son

Copyright © 1992, by Henri J.M. Nouwen

Published by arrangement with Doubleday, a division of
Bantam Doubleday Dell Publishing Group, Inc.

Tradução

Margarida Maria Osório Gonçalves

Na capa

O Regresso do Filho Pródigo (pormenor) – Rembrandt
Museu do Hermitage (Sampetersburgo – Rússia)

Capa (arranjo gráfico)

Virgílio Cunha – Editorial A. O.

Paginação

Editorial A. O. – Braga

Impressão e Acabamentos

Tadinense – Artes Gráficas

Depósito Legal nº

359897/13

ISBN

978-972-39-0311-9

7ª edição

Maio de 2013

Com todas as licenças necessárias

©

**SECRETARIADO NACIONAL
DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO**

Rua S. Barnabé, 32 – 4710-309 BRAGA
Tel.: 253 689 440 * Fax: 253 689 441
www.apostoladodaoracao.pt/livros@snao.pt



Ao meu pai,
Laurent Jean Marie Nouwen,
nos seus noventa anos

História de dois filhos e do seu pai

Um homem tinha dois filhos. O mais novo disse ao pai: «Pai, dá-me a parte da herança que me cabe» (Lc 15, 11-32). E o pai dividiu a herança entre ambos. Poucos dias depois, o filho mais novo juntou tudo o que era dele, partiu para um país distante, e por lá esbanjou toda a fortuna, na má vida.

Quando já tinha gasto tudo, houve uma grande fome naquela região e ele começou a passar necessidade. Foi pedir trabalho a um homem do lugar, que o mandou guardar porcos nos seus campos. O rapaz queria matar a fome com a vianda que os porcos comiam, mas nem isso lhe davam. Então, reflectindo, disse consigo: «Quantos empregados do meu pai têm pão com fartura e eu aqui a morrer de fome! Vou meter-me ao caminho, vou ter com o meu pai e dizer-lhe: Pai, pequei contra o céu e contra ti; já não mereço chamar-me teu filho. Trata-me como um dos teus empregados». Pôs-se a caminho e foi ter com o pai.

Quando ainda estava longe, o pai avistou-o e teve compaixão. Correu-lhe ao encontro, abraçou-o e cobriu-o de beijos. O filho começou a dizer: «Pai, pequei contra o céu e contra ti. Já não mereço chamar-me teu filho». Mas o pai disse aos empregados: «Trazei depressa a melhor túnica para lhe vestir; colocai-lhe um anel no dedo

O regresso do filho pródigo

e sandálias nos pés. Ide buscar o novilho gordo, matai-o, e vamos fazer um banquete. Porque este meu filho estava morto e tornou a viver, estava perdido e foi encontrado». E todos começaram a festejá-lo.

O filho mais velho andava no campo. Ao voltar, já perto de casa, ouviu a música e as danças. Chamou um dos criados e perguntou o que era aquilo. O criado respondeu: «O teu irmão voltou e o teu pai matou o novilho gordo porque o recuperou são e salvo». Ele ficou com raiva e não queria entrar. O pai saiu e pôs-se a convencê-lo. Mas ele respondeu ao pai: «Eu trabalho para ti há muitos anos sem nunca desobedecer às tuas ordens e nunca me deste um cabrito sequer para fazer uma festa com os meus amigos. Mas mal chega esse teu filho, que gastou os teus bens com prostitutas, matas-lhe o novilho gordo».

O pai respondeu-lhe: «Filho, tu estás sempre comigo e tudo o que é meu é teu. Mas temos que nos alegrar e fazer festa porque este teu irmão estava morto e tornou a viver, estava perdido e foi encontrado».

Prólogo

ENCONTRO COM UM QUADRO

O cartaz

Um encontro aparentemente insignificante com um cartaz em que se via um pormenor de *O Regresso do Filho Pródigo* de Rembrandt, foi para mim o início de uma longa aventura espiritual que me levaria a entender melhor a minha vocação e a cobrar novas forças para viver. Os protagonistas desta aventura são: um quadro do século XVII e o seu autor, uma parábola do séc. I e o seu autor, e um homem do séc. XX à procura do sentido da vida.

A história começou nos finais de 1983, na aldeia de Trosly, França, onde estava a passar alguns meses em *A Arca*, uma comunidade que recebe pessoas com doenças mentais. Fundada em 1964 por um canadiano, Jean Vanier, a comunidade de Trosly é a primeira das mais de noventa comunidades *A Arca* espalhadas por todo o mundo.

Um dia fui visitar a minha amiga Simone Landrien ao pequeno centro de documentação da comunidade. Enquanto conversávamos, os meus olhos repararam num grande cartaz

pendurado na porta. Vi então um homem, revestido de um enorme manto vermelho, que tocava ternamente nos ombros de um rapaz em desalinho, ajoelhado na sua frente. Já não consegui desprezar dele os olhos. Sentia-me atraído por aquela intimidade entre as duas figuras, o vermelho quente do manto do homem, o amarelo dourado da túnica do rapaz, e a luz misteriosa que envolvia ambos. Sobretudo as mãos, as mãos do ancião, a maneira como tocavam nos ombros do rapaz, é que me transportaram para onde ainda nunca tinha estado.

Ao dar conta de que já não estava a prestar atenção à conversa, pedi a Simone: «Fala-me daquele cartaz». Ela respondeu: «Oh!, é uma reprodução de *O Regresso do Filho Pródigo*, de Rembrandt. Gostas dele?» Continuei a olhar fixamente para o cartaz e, por fim, balbuciei: «É muito bonito, mais que bonito... dá-me vontade de rir e chorar ao mesmo tempo... não sei explicar-te o que sinto ao olhar para ele, mas estou profundamente comovido». Simone acrescentou: «Tens de arranjar uma cópia, podes comprá-la em Paris». «Sim», disse eu, «tenho que adquirir uma cópia».

Quando vi *O Regresso do Filho Pródigo* pela primeira vez, tinha acabado de chegar dos Estados Unidos, onde, ao longo de seis semanas esgotantes, viajara por toda a parte proferindo conferências e apelando às comunidades cristãs para que fizessem todo o possível por evitar a violência e a guerra na América Central. Vinha realmente cansado. A tal ponto que quase nem podia andar. Sentia-me preocupado, inquieto e muito desamparado. Durante toda a viagem, fora um combatente forte e valoroso, lutara incansavelmente pela justiça e pela paz, fora capaz de enfrentar, sem medo, as trevas do mundo. Mas agora,

mais parecia uma criança pequena que, a chorar, gatinha até ao regaço da mãe. Logo que as multidões, que me louvavam ou criticavam, se foram embora, fiquei acabrunhado pela solidão e facilmente me teria deixado vencer pelas vozes sedutoras que me prometiam descanso físico e emocional.

Estava neste estado quando me encontrei, pela primeira vez, com *O Regresso do Filho Pródigo* de Rembrandt, pendurado na porta do escritório de Simone. Ao vê-lo, o meu coração deu um baque. Depois de tão longa viagem, aquele terno abraço entre pai e filho exprimia tudo quanto desejava naquele momento. De facto, eu era o filho esgotado pelas longas viagens; queria que me abraçassem; procurava um lar onde me sentisse a salvo. Era apenas o filho que regressa a casa; e não queria ser outra coisa. Durante muito tempo, tinha andado de um lado para o outro: lutando, suplicando, aconselhando e consolando. Agora só queria descansar num lugar que pudesse considerar meu, um lugar onde me sentisse em casa própria.

Muitas coisas aconteceram nos meses e anos seguintes. O enorme cansaço desapareceu e voltei às minhas aulas e às minhas viagens; mas o abraço de Rembrandt continuava gravado no meu coração mais profundamente que qualquer outra expressão de apoio emocional. Tinha-me posto em contacto com algo dentro de mim, para além dos altos e baixos de uma vida atarefada, algo que representa o anelo progressivo do espírito humano, o anelo pelo regresso final, por um sólido sentimento de segurança, por um lar estável. Enquanto continuava ocupado com muita gente, envolvido em inúmeros assuntos e presente numa multiplicidade de lugares, *O Regresso do Filho Pródigo* permanecia comigo e continuava a dar mais sentido à minha

vida espiritual. A ânsia por um lugar estável, que penetrara na minha consciência graças ao quadro de Rembrandt, foi crescendo, tornou-se mais forte e mais profunda, e o pintor passou a ser para mim um fiel companheiro e guia.

Dois anos depois de ter visto o cartaz de Rembrandt, demiti-me do lugar de professor da Universidade de Harvard e voltei a *A Arca*, em Trosly, onde passei um ano inteiro. A intenção desta mudança era averiguar se seria chamado a viver uma vida de dedicação a pessoas com doenças mentais numa das comunidades de *A Arca*. Durante esse ano de transição, senti-me especialmente próximo de Rembrandt e do seu *Filho Pródigo*. Ao fim e ao cabo, procurava um novo lar. Era como se o meu companheiro holandês me tivesse sido dado como companheiro especial. Antes do fim do ano já tomara a decisão de fazer de *A Arca* o meu novo lar e de ingressar em Daybreak, a comunidade de *A Arca* em Toronto.

O quadro

Pouco antes de deixar Trosly, recebi um convite dos meus amigos Bobby Massie e sua mulher, Dana Robert, para ir com eles à União Soviética. A minha reacção imediata foi: «Vou ver o quadro original». É que mesmo antes de me ter interessado por esta obra, já sabia que o original tinha sido adquirido em 1766 por Catarina, a Grande, para o Hermitage de Sampetersburgo (que, depois da revolução, passou a chamar-se Leninegrado, mas que, recentemente, reivindicou o seu antigo nome de Sampetersburgo) e que ali se conservava. Nunca pensei ter

oportunidade de o ver tão depressa. Embora estivesse ansioso por admirar, com os meus próprios olhos, um país que tão forte influência tivera nos meus pensamentos, emoções e sentimentos durante a maior parte da minha vida, isso acabava por ser muito secundário em comparação com a oportunidade de me sentar em frente do quadro que me revelara os mais profundos anseios do meu coração.

Logo que soube que partiria, compreendi que havia uma estreita relação entre a decisão de me ligar a *A Arca* e a visita à União Soviética. O laço dessa relação – tinha a certeza – era *O Regresso do Filho Pródigo* de Rembrandt. Fosse como fosse, tinha a sensação de que esse quadro me faria penetrar no mistério do regresso ao lar de uma forma que, até então, me era desconhecida.

O facto de, após uma viagem esgotante, ter vindo para um lugar protegido, significara, para mim, como que voltar para casa; deixar o mundo dos professores e dos estudantes e viver numa comunidade dedicada a cuidar de homens e mulheres com doenças mentais, fez-me sentir outra vez em casa; conhecer o povo de um país que se isolara do resto do mundo por meio de muros e fronteiras fortemente vigiados, era também uma forma de voltar para casa. No entanto, mais que tudo isso, «voltar para casa» significava, para mim, caminhar passo a passo em direcção ao Único que está à minha espera, de braços abertos, e que deseja ter-me ao pé de Si num abraço eterno. Sabia que Rembrandt entendera profundamente este regresso espiritual. Sabia que, quando Rembrandt pintou *O Regresso do Filho Pródigo*, já levava uma vida que revelava não ter dúvidas nenhuma sobre o seu verdadeiro e último lar. Sentia que se

O regresso do filho pródigo

tivesse conhecido Rembrandt no local onde pintou aquele pai com o seu filho, Deus e humanidade, compaixão e miséria, num circuito de amor, teria ficado a saber tudo sobre a vida e a morte. Tive também a esperança de, através da obra-prima de Rembrandt, vir um dia a ser capaz de exprimir tudo quanto desejava dizer sobre o amor.

Estar em Sampetersburgo é uma coisa. Ter a possibilidade de reflectir tranquilamente sobre *O Regresso do Filho Pródigo* no Hermitage, é outra. Ao avistar a enorme fila de pessoas à espera de entrarem no museu, perguntei a mim mesmo como e durante quanto tempo iria poder ver o que desejava.

Tal inquietação, porém, depressa se desvaneceu. A nossa viagem oficial terminava em Sampetersburgo e a maior parte do grupo regressou a casa. Mas a mãe de Bobby, Suzanne Massie, que nessa altura residia na União Soviética, convidou-nos a passar alguns dias com ela. Suzanne é perita em cultura e arte russas, e o seu livro *The land of the Firebird* foi-me muito útil para preparar esta viagem. Perguntei a Suzanne: «Como hei-de chegar ao pé do *Filho Pródigo*?» Ela respondeu: «Olha, Henri, não te preocupes. Terás todo o tempo que quiseres e precisares».

No segundo dia em Sampetersburgo, Suzanne deu-me um número de telefone e disse: «É o número do escritório de Alexei Briantsev. É muito meu amigo. Telefona-lhe e ele ajudar-te-á a chegar junto do teu filho pródigo». Marquei imediatamente o número e fiquei surpreendido por ouvir Alexei, no seu amável sotaque inglês, prometer ir ter comigo a uma das portas laterais, afastada da entrada reservada aos turistas.

No sábado, dia 26 de Julho de 1986, às duas e meia da tarde, fui ao Hermitage; caminhando à beira do rio Neva, cheguei à porta que Alexei me tinha indicado. Entrei e uma pessoa que estava sentada a uma grande secretária deixou-me utilizar o telefone interno para chamar Alexei. Este apareceu, poucos minutos depois, e fez-me uma calorosa recepção. Conduziu-me por uma série de corredores sumptuosos e nobres escadarias até um local inacessível aos turistas. Era uma sala espaçosa, de tectos altos; parecia o estúdio de um artista de certa idade. Havia quadros por todo o lado, umas mesas enormes, que ocupavam cerca de metade da sala, bancos cobertos de papéis e objectos de todo o género. Depressa percebi que Alexei era o director do departamento de restauro do Hermitage. Com grande amabilidade e muito interesse pelo meu desejo de contemplar o quadro de Rembrandt demoradamente, ofereceu-me toda a ajuda de que precisasse. Levou-me directamente ao *Filho Pródigo*, ordenou ao guarda que não me importunasse, e ali me deixou.

E ali fiquei eu diante do quadro que trazia no coração há quase três anos. Maravilhado com a sua beleza majestosa: o tamanho, maior que o tamanho natural; a abundância de vermelhos, castanhos e amarelos; os fundos sombreados e os primeiros planos luminosos; mas, sobretudo, o abraço entre pai e filho, envolto em luz e rodeado de quatro misteriosos espectadores. Tudo isto me impressionou muito mais intensamente do que jamais pudera imaginar. Tinha havido momentos em que me interrogara sobre se o original não me desiludiria. Mas não, muito pelo contrário. A sua grandeza e esplendor relegavam

O regresso do filho pródigo

tudo o resto para segundo plano. Estar aqui era, realmente, voltar para casa.

Muitos grupos de turistas foram passando rapidamente com os seus guias, enquanto eu permanecia sentado numa das cadeiras forradas de veludo vermelho que estão em frente dos quadros. Apenas olhava. Agora estava a ver o original! Não só via o pai a abraçar o filho recém-chegado a casa, mas também o irmão mais velho e as outras três figuras. É um quadro a óleo sobre tela, com dois metros e meio de altura por quase dois de largura. Foi preciso algum tempo para me dar conta de que estava ali efectivamente, para assimilar que estava verdadeiramente na presença do que, ao longo de tanto tempo, tinha querido ver, para gozar do facto de estar só, sentado no Hermitage de Sampetersburgo, a contemplar *O Regresso do Filho Pródigo* durante todo o tempo que quisesse.

O quadro estava exposto da maneira mais apropriada, numa parede que recebia luz natural em cheio através de uma grande janela que ficava perto, formando um ângulo de oitenta graus. Sentado ali, dei conta de que, à medida que o meio da tarde se aproximava, a luz se tornava mais intensa. Às quatro horas, o sol iluminou o quadro com uma intensidade diferente, e as figuras de trás – algo confusas durante as primeiras horas – pareceram sair dos seus recantos obscuros. À medida que a tarde decorria, a luz do sol ia-se tornando mais directa e estimulante. O abraço entre pai e filho parecia mais forte, mais profundo, e os espectadores participavam mais directamente naquele misterioso acontecimento de reconciliação, perdão e cura interior. Pouco a pouco, fui dando conta de que havia

tantos quadros do *Filho Pródigo* quantos os jogos de luz e fiquei fascinado, durante bastante tempo, com aquele gracioso baile da natureza e da arte.

Alexei regressou. Sem que me tivesse apercebido, tinham decorrido mais de duas horas desde que se fora embora, deixando-me sozinho com o quadro. Com um sorriso compassivo e um gesto de conforto, sugeriu-me que precisaria de descansar e convidou-me para um café. Conduziu-me pelos majestosos vestíbulos do museu – a maior parte do qual foi residência de Inverno dos czares – até à zona de trabalho onde estivéramos anteriormente. Alexei e o seu colega tinham preparado uma enorme bandeja com pão, queijo e doces, e insistiram comigo para provar de tudo. Tomar o café da tarde com os restauradores do Hermitage nunca estivera nos meus planos quando sonhava passar um bocado a sós com *O Regresso do Filho Pródigo*. Tanto Alexei como o seu companheiro explicaram-me tudo quanto sabiam sobre o quadro de Rembrandt e mostraram-se ansiosos por saber a razão do meu tão grande interesse por ele. Mostraram-se surpreendidos e perplexos com as minhas reflexões e observações espirituais. Escutaram-me muito atentamente e pediram que lhes contasse mais.

Depois do café voltei para o quadro durante outra hora, até que o guarda e a mulher das limpezas me fizeram saber, muito claramente, por sinais, que iam fechar o museu e que eu já ali estivera bastante tempo.

Quatro dias mais tarde voltei a visitar o museu. Desta vez aconteceu-me um facto divertido, facto esse que não posso deixar de contar. Por causa do ângulo a partir do qual o sol da manhã iluminava o quadro, o verniz reflectia uma luz confusa.

O regresso do filho pródigo

Por isso peguei numa das cadeiras forradas de veludo vermelho e levei-a para um local de onde aquela luz tinha menor intensidade, podendo assim ver nitidamente as figuras do quadro. Quando o guarda – um rapaz novo e muito sério, envergando gorro e uniforme militar – viu o que eu fizera, ficou muito aborrecido com o meu atrevimento de pegar na cadeira para a pôr noutra sítio. Aproximou-se e, proferindo um grande aranzel em russo acompanhado de uma série de gestos universais, ordenou-me que repusesse a cadeira no seu lugar. Como resposta, apontei primeiro para o sol e depois para a tela, para tentar explicar porque tirara a cadeira do sítio. Os meus esforços não tiveram êxito nenhum, de maneira que fui pôr a cadeira no lugar onde estava antes e sentei-me no chão. O guarda ficou ainda mais zangado. Fazendo novos e animados gestos para tentar captar a minha simpatia, disse-me que me sentasse em cima do radiador que estava por baixo da janela; dali poderia ver bem. Mas a primeira guia que passou com o seu grupo de turistas veio ter comigo e disse-me, em tom severo, que saísse de cima do radiador e me sentasse numa das cadeiras de veludo. Então o guarda zangou-se com a guia e, com abundantes palavras e gestos, disse-lhe que tinha sido ele quem me deixara sentar no radiador. A guia, embora continuando a discordar, resolveu voltar para junto dos turistas que estavam a ver Rembrandt e perguntavam qual o tamanho das figuras. Minutos mais tarde, Alexei veio ver o que estaria eu a fazer. O guarda aproximou-se logo dele e entabularam ambos uma longa conversa. Evidentemente, o guarda esforçava-se por explicar o que acontecera, mas a discussão prolongava-se tanto que pensei que algo de insólito se lhe iria seguir. Então, de repente, Alexei foi-se

embora. Por momentos, senti-me um pouco culpado por ter provocado tal revolução e pensei que apenas conseguira que Alexei ficasse aborrecido comigo. No entanto, dez minutos mais tarde, Alexei voltou, carregando um enorme e confortável cadeirão de veludo vermelho e pés pintados de purpurina dourada. Só para mim! Com um rasgado sorriso, colocou a cadeira diante do quadro e convidou-me a sentar-me nela. Alexei, o guarda e eu, sorrimos. Tinha a minha própria cadeira e já ninguém me levantaria objecções. De repente, achei tudo aquilo muito cómico: três cadeiras vagas em que não podia tocar e um luxuoso cadeirão que me era oferecido, vindo de qualquer ponto daquele palácio de Inverno, que podia deslocar para onde me apetecesse. Elegante burocracia! Perguntei a mim mesmo se alguma das figuras do quadro, que tinham sido testemunhas de toda a cena, estaria a sorrir. Nunca o saberei.

Passei mais de quatro horas com *O Filho Pródigo*, tomando notas do que os guias e os turistas diziam, do que via graças à intensidade com que o sol iluminava o quadro, e de quanto eu próprio experimentava, no mais profundo do meu ser, à medida que me tornava parte integrante da história que Jesus contou certo dia e que Rembrandt pintou mais tarde. Interroguei-me sobre se alguma vez, e de que forma, aquele precioso tempo passado no Hermitage viria a dar fruto.

Ao afastar-me do quadro, aproximei-me do jovem guarda e tentei exprimir-lhe a minha gratidão por me ter aguentado durante tanto tempo. Ao fixá-lo nos olhos, vi, sob aquele gorro russo, um homem como eu: receoso e com grandes desejos de ser perdoado. O rosto abriu-se-lhe num lindo sorriso. Eu também sorri e ambos nos sentimos salvos.

O acontecimento

Algumas semanas depois da minha visita ao Hermitage, em Sampetersburgo, fui para *A Arca* de Daybreak, em Toronto, para aí viver e trabalhar como animador da comunidade. Embora tivesse passado um ano inteiro a estudar a minha vocação e a discernir se Deus me chamaria a uma vida dedicada a pessoas com doenças mentais, sentia-me ainda inquieto e duvidava da minha capacidade de o fazer bem. Anteriormente, nunca prestara grande atenção a pessoas com doenças mentais. Muito pelo contrário. Dediquei-me completamente aos estudantes universitários e seus problemas. Aprendi a dar aulas e a escrever livros, a explicar as coisas sistematicamente, a pôr títulos e subtítulos, a discutir e a analisar. Portanto, quase não fazia a menor ideia de como comunicar com homens e mulheres que quase não falam e que, se o fazem, não se interessam minimamente por argumentos lógicos nem pelas opiniões bem fundamentadas. Menos ainda sabia como anunciar o Evangelho de Jesus a pessoas que escutavam mais com o coração que com a inteligência e que eram muito mais sensíveis à maneira como eu vivia do que às minhas palavras.

Cheguei a Daybreak em Agosto de 1986, convencido de ter feito a opção certa, mas com o coração muito apertado por não saber o que me esperava. Apesar de tudo, estava convencido de que, depois de mais de vinte anos de aulas, chegara a hora de acreditar que Deus ama os pobres de espírito de uma maneira especial e que, embora eu tivesse muito pouco para lhes oferecer, eles tinham muito para me oferecer a mim.

Uma das primeiras coisas que fiz assim que cheguei, foi procurar um local adequado para colocar a reprodução de *O Regresso do Filho Pródigo*. O lugar de trabalho que me era destinado, pareceu-me o ideal. Podia ver aquele misterioso abraço entre pai e filho, que se convertera no rumo íntimo da minha trajectória espiritual, de qualquer ponto onde me sentasse a ler, escrever ou conversar.

Desde a visita ao Hermitage que passei a reparar cada vez mais nas quatro figuras, duas mulheres e dois homens, que estavam de pé, em torno do espaço luminoso onde o pai dava as boas-vindas ao filho. O seu modo de olhar suscitava a pergunta quanto ao que pensariam ou sentiriam acerca do que presenciavam. Esses mirones ou espectadores prestavam-se a todo o tipo de interpretações. Ao reflectir sobre o meu próprio trabalho, tornava-me cada vez mais consciente do longo tempo em que desempenhei o papel de espectador. Durante anos, ensinei aos estudantes os diferentes aspectos da vida espiritual, tentando ajudá-los a reconhecer a importância de todos eles. Mas será que ousei alguma vez chegar ao fundo essencial, ajoelhar-me e deixar-me abraçar por um Deus misericordioso?

O simples facto de ser capaz de dar uma opinião, expor um argumento, defender uma tese, explicar um modo de ver, dava-me, e ainda me dá, uma sensação de controlo.

É certo que passei muitas horas em oração, muitos dias e meses em retiro, e que tive inúmeras conversas com directores espirituais; mas nunca renunciei completamente ao papel de espectador. Embora tenha tido, ao longo de toda a vida, o desejo de me sentir interiormente implicado, optei, uma e outra vez, pelo papel de observador distante. Às vezes lançava

O regresso do filho pródigo

um olhar curioso, outras um olhar ciumento, outras ainda um olhar inquieto e, de vez em quando, um olhar de amor. Mas abandonar o que, de qualquer maneira, era a posição segura do espectador crítico, parecia-me equivaler a dar um salto para o desconhecido. Desejava tanto controlar a minha trajectória espiritual e ser capaz de prever o resultado, pelo menos até certo ponto, que renunciar à segurança do espectador, em troca da vulnerabilidade do filho que regressa, me parecia quase impossível. Ensinar os estudantes, explicar as palavras e as acções de Jesus e indicar-lhes os diversos caminhos espirituais que as pessoas escolheram ao longo dos tempos, era como que adoptar a posição de uma das quatro figuras que rodeavam o abraço divino. As duas mulheres de pé, a diferentes distâncias, por detrás do pai, o homem sentado, de olhar perdido ao longe, e o outro alto, de pé, direito, contemplando o acontecimento com olhar crítico, todos eles representam distintas formas de não compromisso. Notamos indiferença, curiosidade, um sonhar desperto, uma observação atenta; um olha fixamente, outro contempla, outro observa sem fixar o olhar e outro olha, simplesmente; um está de pé, ao fundo, outro apoia-se num arco, outro está sentado de braços cruzados, outro de pé com as mãos juntas, uma sobre a outra. Cada uma destas posições é, para mim, muito familiar. Algumas são mais cómodas que outras, mas são, todas elas, formas de não compromisso.

Deixar de dar aulas a universitários e passar a viver com doentes mentais significou, pelo menos para mim, dar um passo em direcção à plataforma onde o pai abraça o filho ajoelhado. É o lugar da luz, o lugar da verdade, o lugar do amor. É o lugar onde quero estar, embora tenha muito medo de chegar a atin-

gi-lo. É o lugar onde receberei tudo o que desejo, tudo o que sempre esperei, tudo aquilo de que vou ter necessidade, mas também é o lugar onde tenho que largar tudo quanto quero reter. É o lugar que me confronta com o facto de que aceitar de verdade o amor, o perdão e a cura, é frequentemente muito mais duro que concedê-lo. É o lugar para além do que cada um, por si mesmo, pode obter ou merecer, das recompensas que possa receber. É o lugar da rendição e da total confiança.

Pouco depois de chegar a Daybreak, Linda, uma bela jovem com síndrome de Down, rodeou-me o pescoço com os braços e disse: «Bem-vindo». Faz isto a todos os recém-chegados e sempre com absoluta convicção e amor. Mas como receber assim um abraço? Linda não me conhecia. Não fazia a menor ideia do que vivi antes de chegar a Daybreak. Nunca teve oportunidade de vislumbrar o meu lado obscuro nem de descobrir os meus pontos de luz. Nunca leu nenhum dos meus livros, nunca me ouviu falar e nunca manteve comigo nenhuma conversa.

Teria então de me limitar a sorrir, a dizer galanteios e a prosseguir o caminho como se nada tivesse acontecido? Talvez Linda estivesse de pé em algum ponto da plataforma, dizendo com o seu gesto: «Vem, não tenhas tanta vergonha, o teu Pai também te quer abraçar!» Parece que em todas as ocasiões – as boas-vindas de Linda, o aperto de mão de Bill, o sorriso de Gregory, o silêncio de Adam ou as palavras de Raymond –, tenho que optar entre «explicar» esses gestos e, simplesmente, aceitá-los como convites a voar mais alto.

Estes anos em Daybreak não foram fáceis. Passei por muitas lutas interiores e muita dor mental, emocional e espiritual. Nada, absolutamente nada parecia indicar-me que a mudança

valera a pena. Mas a passagem de Harvard para *A Arca* significou dar um pequeno passo na mudança da atitude de espectador a participante, de juiz a pecador arrependido, de professor de como se ama, a pessoa que se deixa amar. Não fazia a menor ideia de quão difícil iria ser uma tal viragem. Não dava conta de como havia tanta resistência arraigada em mim e de quão angustiante seria «dar conta», cair de joelhos e deixar as lágrimas correr livremente. Não sabia quão duro seria converter-me em parte integrante do grande acontecimento representado no quadro de Rembrandt.

Cada pequeno passo para nele penetrar era como que uma pretensão impossível, uma pretensão que me exigia pôr de parte, uma vez mais, o desejo de controlar, de adivinhar; uma pretensão a superar o medo de não saber onde tudo aquilo me levaria; uma pretensão a render-me ao amor que não conhece limites. Sabia que nunca seria capaz de viver o grande mandamento de amar sem condições nem requisitos. O percurso entre leccionar sobre o amor e deixar-me amar iria ser mais longo do que supunha.

A visão

Muito do que se passou desde a minha chegada a Day-break, ficou relatado nos meus diários e blocos de notas mas, tal como está, muito pouco pode ser partilhado com outros. As palavras são demasiado cruas, demasiado ruidosas, demasiado «sangrentas», demasiado desnudas. Chegou agora o momento, porém, de me ser possível olhar para trás, para aqueles anos

de alvoroço, e descrever, com maior objectividade que antes, o lugar onde toda essa luta me conduziu. É verdade que não sou ainda suficientemente livre para consentir em me abandonar ao abraço, certo e seguro, do Pai. Continuo a caminhar, sob muitos aspectos, para o significado profundo. Ainda sou como o filho pródigo: viajo, preparo discursos, conjecturo como tudo vai ser quando por fim chegar a casa do meu Pai. Mas estou a caminho. Deixei o país distante e sinto-me mais perto do amor. Agora estou preparado para contar a minha história. Descobrir-se-á nela um pouco de esperança, luz, consolação; muito de quanto vivi ao longo destes últimos anos, não como expressão de confusão ou desespero, mas como etapas do meu caminho para a luz.

O quadro de Rembrandt esteve muito perto de mim durante todo este tempo. Mudei-o de sítio vezes sem conta: do escritório para a capela, da capela para a sala de estar de Dayspring (a casa de oração de Daybreak) e da sala de estar de Dayspring outra vez para a capela. Falei dele milhares de vezes, dentro e fora da comunidade de Daybreak: aos doentes mentais e aos que os atendem, a ministros e a sacerdotes; a homens e mulheres de todas as condições. Quanto mais falava sobre *O Filho Pródigo*, mais o considerava como se fosse a minha própria obra: um quadro que encerra, não só o essencial da história que Deus quer que eu conte, mas também o que eu próprio quero contar a Deus e aos homens e mulheres de Deus. Nele está todo o Evangelho. Nele está toda a minha vida e a dos meus amigos. Este quadro converteu-se numa misteriosa janela através da qual posso pôr um pé no Reino de Deus. É como uma entrada imensa que me dá acesso ao outro lado da existência para daí

O regresso do filho pródigo

contemplar a estranha variedade de pessoas e acontecimentos que enchem a minha vida diária.

Durante anos procurei ver Deus na diversidade das experiências humanas: solidão e amor, dor e alegria, ressentimento e gratidão, guerra e paz. Tentei compreender os altos e baixos da alma humana para conseguir perceber a fome e a sede que só um Deus cujo nome é Amor pode saciar. Procurei descobrir o duradouro para além do passageiro, o eterno para além do temporal, o amor perfeito para além dos medos que nos paralisam, e a consolação divina para além da desolação provocada pela angústia e desespero humanos. Procurei projectar-me, para além da condição mortal da nossa existência, numa presença mais duradoura, mais profunda, mais aberta e mais maravilhosa do que podemos imaginar; e tentei falar dessa presença como de uma presença que, desde agora, pode ser vista, ouvida e palpada por aqueles que querem acreditar.

No entanto, ao longo do tempo passado aqui em Daybreak, fui conduzido a um lugar mais interior, um lugar onde ainda nunca tinha estado. É um lugar dentro de mim que Deus escolheu para Se hospedar. É um lugar onde me sinto a salvo, no abraço de um Deus todo amor que me chama pelo nome e me diz: «És o meu filho amado que muito me agrada». É o lugar onde saboreio a alegria e a paz que não são deste mundo.

Este lugar sempre ali esteve. Eu sempre soube onde ficava a fonte da graça. No entanto, não era capaz de entrar e de ali viver de verdade. Jesus disse: «Se alguém Me ama, guardará a minha palavra; meu Pai amá-lo-á e viremos a ele e faremos nele morada» (*Jó 14, 23*). Estas palavras sempre me impressionaram muito profundamente. Sou a casa de Deus!

Mas era muito duro experimentar a verdade que encerram. Sim, Deus faz a sua morada no mais íntimo do meu ser, mas como aceitar o convite de Jesus: «Permanecei em Mim e Eu permanecerei em vós» (Jo 15, 4)? O convite é muito claro. Fazer a minha morada onde Deus fez a sua, eis o enorme desafio espiritual. Parece uma tarefa impossível.

Com os meus pensamentos, sentimentos, emoções e paixões, estava constantemente ausente do lugar que Deus escolheu para fazer a sua morada. Chegar a casa e permanecer ali onde Deus habita, escutar a voz da verdade e do amor, era o que me metia mais medo, pois sabia que Deus é um amante ciumento e que logo queria tudo de mim a todo o momento. Quando estaria preparado para aceitar esse género de amor?

O próprio Deus me foi mostrando o caminho. As crises físicas e emocionais interromperam a vida tão atarefada que levava em Daybreak e obrigaram-me a voltar para casa e a procurar Deus no único lugar onde O podia encontrar: no meu santuário interior. Não posso dizer que já o consegui; nunca o conseguirei nesta vida, pois o caminho até Deus vai muito para além das fronteiras da morte. É uma viagem longa e muito exigente, mas plena de surpresas maravilhosas e proporciona-nos, frequentemente, a satisfação do objectivo alcançado.

Da primeira vez que vi o quadro de Rembrandt, não estava tão familiarizado com a morada de Deus dentro de mim como agora estou. No entanto, a minha reacção profunda ao abraço do pai ao seu filho fez-me ver que andava desesperadamente à procura desse lugar interior onde também eu pudesse ser abraçado como o jovem do quadro. Ao mesmo tempo, não podia prever o que implicaria aproximar-me cada vez mais desse lu-

O regresso do filho pródigo

gar. Estou muito grato por não ter sabido de antemão o que Deus me preparara. E também agradeço o novo lugar que se me deparou através de todo o sofrimento interior. Agora tenho uma vocação nova. É a vocação de falar e de escrever, a partir desse lugar profundo, para as outras dimensões de mim mesmo e de me dirigir às vidas de outras pessoas tão cheias de inquietação. Tenho que me ajoelhar diante do Pai, encostar o ouvido ao seu peito e escutar ininterruptamente as palpitações do seu coração. Então, e só então, posso dizer, com sumo cuidado e muito amavelmente, o que oiço. Agora sei que devo falar desde a eternidade para o tempo real, desde a alegria duradoura para as realidades passageiras da nossa curta existência neste mundo, desde a morada do amor para as moradas do medo, desde a casa de Deus para as casas dos seres humanos. Tenho plena consciência da grandeza desta vocação. Mais ainda, estou totalmente certo de que é este, para mim, o único caminho. Poderia chamar-se visão «profética»: olhar as pessoas e este mundo com os olhos de Deus.

Um ser humano terá porventura essa real possibilidade? Mais importante ainda: terei verdadeira liberdade de escolha? Não se trata de uma questão intelectual, é uma questão de vocação. Sou chamado a entrar no meu santuário interior, onde Deus quis fazer a sua morada. A única maneira de chegar a esse lugar, é rezar, rezar constantemente. A dor e as lutas podem iluminar o caminho, mas estou certo de que é unicamente a oração contínua que me permite ali entrar.